

PODER DE DOMINAÇÃO E RELIGIÃO: A WICCA E AS RELAÇÕES ENTRE OS GÊNEROS

Adriana Silva Guedes de LIMA¹
José Artur Teixeira GONÇALVES²

RESUMO: O presente artigo visa analisar, por meio da teoria sociológica de Pierre Bourdieu, a submissão da mulher na sociedade de raiz patriarcal. O trabalho se dará na perspectiva do campo religioso, focando-se na oposição das funções femininas nas religiões de vertentes neopagãs, e as abraâmicas como o Islamismo, Judaísmo e Cristianismo. Investiga-se a Wicca como religião neopagã e matriarcal que preconiza a igualdade de gênero, enfatizando o sexo feminino como sagrado e digno de respeito. Ao contrário, nas religiões abraâmicas a mulher é enfatizada como pecadora, além de sua sexualidade ser considerada perigosa, levando o homem a pecar contra seu deus. Como exemplo da ênfase da Wicca no sagrado feminino, analisa-se Brida, uma personagem do livro homônimo de Paulo Coelho. A pesquisa tem o objetivo de compreender a relação de submissão e dominação entre os sexos no discurso religioso e investigar o seu avesso na religião Wicca. A metodologia utilizada na pesquisa é a dialética, associada aos métodos histórico e comparativo. O levantamento de dados se dá por meio de pesquisa bibliográfica e documental.

Palavras-chave: Gênero. Religião. Neopaganismo. Capital simbólico. Poder.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade atual fundamenta-se nos traços da cultura patriarcal, em que a divindade predominante é masculina e alicerça-se em uma ideologia em que o gênero masculino detém o poder econômico, político e social, inferiorizando o sexo oposto. Com a predominância das religiões abraâmicas em diversas populações do globo, inferiu-se a mulher como inferior e um ser sedutor que necessita de proteção e controle de um homem. Este fato é creditado à ideia de que a exposição da sensualidade feminina leva o homem a desviar-se de seus deveres com o divino.

¹Discente do 4º termo do curso de Serviço Social das Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. E-mail: adrianaledesknowledge@hotmail.com. Bolsista do Programa de Iniciação Científica PIBIC/CNPq e pesquisadora do grupo Perspectivas alternativas sobre a violência e os direitos humanos: religião e o campo-social contemporâneo.

²Docente do curso de Serviço Social das Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. E-mail: joseartur@unitoledo.br. Coordenador do grupo Perspectivas alternativas sobre a violência e os direitos humanos: religião e o campo-social contemporâneo. Orientador do trabalho.

Em resultado, milhares de mulheres são violentadas mundialmente se tornando “objetos” e “propriedade” de um abusador que exerce seu poder socioeconômico e político dentro de uma sociedade em que a cultura patriarcal é enraizada. Isto viola os direitos naturais à vida, liberdade, saúde e a segurança, produzindo a incapacidade de desenvolver-se dignamente como ser humano.

A escolha do tema recai sobre a existência de uma crença religiosa como a Wicca, possuidora de uma doutrina focada no sexo feminino que o considera sagrado, motivando a questionar a dominação masculina no campo religioso e levando a outro nível de percepção o entendimento dos problemas criados pela cultura religiosa de Abraão e a cultura patriarcal. Por exemplo, a submissão injusta que ocorre com a mulher, tornando seu desenvolvimento como ser humano precário e digno de questionamentos.

A existência de uma religião alternativa àquelas relacionadas à matriz de Abraão, não é difundida, pois, a falta de conhecimento se implica de um reflexo destas religiões como o Judaísmo, Islamismo e o Cristianismo que repudiam qualquer forma diferente de culto religioso. As religiões atuais neopagãs, que possuem uma influência dos cultos pré-cristãos na Europa, exaltam o poder do gênero feminino e sua criadora, a deusa mãe, ou melhor, a grande deusa. Entretanto, estas formas de cultuação têm ganhado adeptos, principalmente, mulheres que visam um tratamento e crença diferenciada daquelas que são normalmente reproduzidas na sociedade.

A grande maioria das mulheres que procuram o Neopaganismo vem com a tomada de consciência de que são exploradas e inferiorizadas e perseguem uma jornada de transformação espiritual e social, adquirindo nesta doutrina de adoração, o respeito que não encontram nos espaços sociais.

Este artigo possui o objetivo central de compreender a relação de submissão e dominação entre os sexos e desconstruir a imagem do sexo feminino como um ser naturalmente inferior. É de extrema importância abranger a área da pesquisa sobre o tema, para que a questão sobre o papel social da mulher não continue a ser de um sexo inferior e subalterno. Tendo como objetivos específicos de apontar e discutir a valorização da mulher nas religiões neopagãs como uma forma de trazer o respeito e a igualdade entre os sexos. E abordar a luta simbólica dos sexos pelo poder no campo social utilizando Pierre Bourdieu como referência teórica.

A pesquisa se orientou pelo referencial teórico de Pierre Bourdieu, sobretudo em “A dominação masculina” e “O Poder Simbólico”, como instrumento analítico para compreensão do gênero como expressão da luta simbólica no campo social, recortando-se especificamente o campo religioso. Utiliza-se como exemplo de uma mulher dentro dos cultos neopagãs, Brida, uma personagem do livro homônimo de Paulo Coelho (2005). Um exemplo, que recorta muito bem a procura pela igualdade e conexão com uma divindade alternativa.

Será utilizada a metodologia dialética, na perspectiva de trabalhar com uma oposição religiosa do culto ao deus masculino de Abraão. É uma pesquisa analítica que visa desvelar a construção das relações sociais entre os gêneros, tendo como auxiliares os métodos histórico e comparativo, numa análise do contexto histórico que se encontra os dois gêneros e comparando as duas vertentes religiosas na relação da visão social do homem e da mulher. Durante o processo de investigação, serão utilizadas as técnicas de documentação indireta – pesquisa documental e bibliográfica.

Sua perspectiva é de produzir uma síntese do confronto entre as duas formas de cultuação, desconstruindo um entendimento criado pelas religiões abraâmicas, principalmente, de vertente cristã, sobre o paganismo – na atualidade o Neopaganismo – e compreender através da teoria do poder simbólico do sociólogo Pierre Bourdieu que aborda as questões de dominação no mundo social o porquê e como acontece essa relação de poder entre os sexos.

A primeira parte do artigo percorreu a análise bourdieusiana, confrontando a dominação social masculina que inferioriza o sexo feminino e o escraviza através das estruturas estruturantes-estruturadas construídas historicamente que foram e são implantadas por gerações no decorrer da história do homem. Este item foi necessário para a compreensão da relação entre os gêneros.

A segunda parte recorta a temática de uma religião oposta àquelas estabelecidas hegemonicamente no mundo que influenciam a forma de pensar, agir e sentir dos agentes no universo social. A manifestação religiosa estabelecida na discussão foi o Neopaganismo, um ressurgimento da antiga religião existente da era matrifocal, em contraposição à visão das religiões abraâmicas.

2 A SOCIEDADE: UMA DISPUTA ENTRE OS GÊNEROS

A relação social entre os gêneros será analisada agora, à luz do enfoque sociológico, identificando a reprodução da desigualdade e a disputa dos sexos no campo social. E para isto, utilizará a teoria do “poder simbólico” do sociólogo Pierre Bourdieu, na compreensão da ocorrência nas estruturas sociais de uma desigualdade e exclusão relacionada a um dos gêneros, o feminino.

1.1 A Teoria de Bourdieu na Problemática

Pierre Bourdieu (1998) entende a oposição de gêneros como algo que vai além dos papéis sociais. Para ele, há um campo de luta entre os agentes sociais, sendo a sociedade descrita como um espaço multidimensional, “campo social”, espaço de disputas pelos múltiplos capitais, como o econômico, social, cultural, e simbólico. A posição de um determinado agente sofrerá um direcionamento do poder/capital acumulado ou dado a ele, assim, definindo um “estado das relações de força”.

Observa-se que, a sociedade é um campo de luta. Se o homem e a mulher são os agentes deste universo social, eles se confrontam para a obtenção destes múltiplos capitais.

Pierre Bourdieu (1998) reforça que há um trabalho de representação entre os agentes no campo social, pois, existe um esforço para que possam impor a classe que pertence e ao universo social a sua visão, ou seja, como é visto e deve ser visto este círculo e conjunto de agentes em constante relação com o próximo. Ele cita em sua obra “O poder simbólico” que há uma dupla estruturação social: que seria o lado “objectivo” e o lado “subjectivo”, em que no primeiro a percepção de mundo está estruturada em combinações de probabilidade muito desigual e no segundo em uma estrutura de lutas simbólicas e que transformam o estado das relações de força simbólicas.

Portanto, o mundo social ou o campo social, é um espaço em que há um jogo que possui peças, os agentes, que lutam por um lugar dentro dele, além de disputarem pela visão legítima, ou seja, entram em confronto com os outros agentes

através de seus capitais acumulados com o objetivo de impor ao campo sua determinada percepção sobre o universo social.

Em relação à percepção de mundo, Pierre Bourdieu (1998, p.137-138) implica que:

[...] o mundo social pode ser dito e construído de diferentes modos: ele pode ser praticamente percebido, dito, construído, segundo princípios de visão e de visão e divisão – por exemplo, as divisões éticas – dando-se por entendido que os reagrupamentos na estrutura do espaço construído na base da distribuição do capital apresentam maiores probabilidades de serem estáveis e duradouros e que as outras formas de reagrupamento estão sempre ameaçadas pelas cisões e opções ligadas às distâncias no espaço social.

Ele complementa o argumento anterior dando ênfase dizendo que:

Os mais visíveis do ponto de vista das categorias de percepção em vigor são os que estão mais bem colocados para mudar a visão mudando as categorias de percepção. Mas, salvo exceção, são também os menos inclinados a fazê-lo. (BOURDIEU, 1998, pg. 145)

As duas citações postas acima estão abordando o tema de luta simbólica, ou seja, o conflito entre os agentes no campo social que procuram impor a sua visão de mundo, proporcionando como algo legítimo, verdadeiro para o sistema simbólico. Indicam que os mais próximos dos lugares centrais deste campo, que possuem mais capitais, cultural, econômico, social e simbólico, são aqueles que têm a capacidade de proporcionar, de por em vigor a sua visão de mundo.

Para que se possa dar seguimento na compreensão da desigualdade entre os sexos é necessário concluir que, há uma disputa entre eles dentro de um espaço, a sociedade, luta pelo poder simbólico, econômico, cultural e social que lhes proporcionarão o poder e controle do espaço social que habitam. Pois, como antes dito, o ser humano almeja poder, um espaço notável na sociedade, impor a visão de mundo e estar no controle.

A seguir, será discutida como ocorre esta dominação, mas precisamente, a dominação masculina, pois é inevitável perceber que, o homem possuiu por milênios o controle da visão de mundo e que ainda o possui.

1.2 Luta Simbólica no Campo da Sexualidade

Aqui será exposta a continuação da teoria de Pierre Bourdieu, entretanto, será abordado em especial o livro “A dominação masculina”, que dará um conhecimento mais específico ao tema do artigo. A dominação masculina é presente, ainda remanescem pontos da sociedade patriarcal da época de Abraão que interfere na interpretação de mundo que o homem é possuidor do poder absoluto percorrendo toda a atmosfera social.

Pierre Bourdieu (2002, s.p.) cita em sua obra que:

Como estamos incluídos, como homem ou mulher, no próprio objeto que nos esforçamos por aprender, incorporamos, sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreciação, as estruturas históricas da ordem masculina, a modos de pensamento que são eles próprios produto de dominação. Não podemos esperar sair deste círculo se não encontrarmos estratégia prática para efetivar uma objetivação do sujeito da objetivação científica.

Pode-se compreender que os agentes sociais estão imersos em um sistema em que há a predominância da dominação masculina. Isto se torna um círculo vicioso que é reproduzido através da história, pois, os dominantes da produção simbólica conservam esta forma de sistema em que se predomina a vontade e o pensamento masculino.

Foi construído todo um sistema para que esta dominação existisse e permanecesse enraizado na sociedade. E ele tem se conservado apesar de ter havido alterações significativas na interpretação de mundo, pois, há também fatores como o movimento feminista que expandiu o espaço da mulher no mercado de trabalho e no quesito sexualidade.

Bourdieu informa que (2002, s.p.):

Esses esquemas de pensamento, de aplicação universal, registram como que diferenças de natureza, inscritas na objetividade, das variações e traços distintivos (por exemplo em matéria corporal) que eles contribuem para fazer existir, ao mesmo tempo que os “naturalizam”, inscrevendo-as em um sistema de diferenças, todas igualmente naturais em aparência; de modo que as previsões que elas engendram são incessantemente confirmadas pelo curso do mundo, sobretudo por todos os ciclos biológicos e cósmicos.

Esta formulação de Bourdieu nos revela que as diferenças de gênero produzidas pela dominação masculina são naturalizadas, sendo reproduzidas no campo social. É por este motivo que, encontra-se a dominação masculina em todos os espaços de cultura patriarcal. E não se limitando apenas para o termo biológico ou papel social ou até sexual.

Para Pierre Bourdieu (2002, s.p.) o sistema de relações é influenciado por esses esquemas cognitivos que lhe dá sentido natural, ou seja, ele está em sentido objetivado, incorporado nos agentes e em suas atitudes, a forma de pensar e sentir. Há esta divisão pela existência de uma construção desta visão de que se tem do mundo, precisamente, das mulheres e dos homens. São construídos socialmente materializando-se e tendo a credibilidade de serem naturais, sendo legitimado pela sociedade e que não deve ser rompido, pois, aqueles que produzem a produção simbólica determinam e lutam para conservar este sistema criado.

Para uma maior compreensão da temática:

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres [...] (BOURDIEU, (2002, s.p.)

Esta estrutura por milênios esteve intacta, conservada pela dominação religiosa e aqueles que possuem controle da ordem social visando manter o seu poder sobre a sociedade. Percebe-se que o grande motivo aqui presente é a questão “poder”, de significamente possuir o direito de construir, manter algo e legitimar a percepção de que se tem de mundo, é muito mais importante que a questão do “prazer”. Em relação a este termo, o agente social que luta por um espaço e pela acumulação de capitais que lhe darão a garantia e controle de tudo e todos, é mais interessante para ele.

O corpo dos agentes se torna algo de estruturante e ao mesmo tempo de implantação desta estruturação. “O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depósito de princípios de visão e de divisão sexualizantes”. (BOURDIEU, 2003, p. 20). Buscaram justificar as diferenças dos gêneros através das diferenças da genitália dos sexos. Permanecendo e devendo ser opostos. Interessante ressaltar que, construindo socialmente e historicamente este sistema

de opostos, não haverá a necessidade de explicações para a sociedade que achará a oposição como algo natural do homem e da mulher.

Na incorporação da dominação é preciso mostrar que:

O trabalho de construção simbólica não se reduz a uma operação estritamente performativa de denominação que oriente e estructure as representações do corpo (o que ainda não é nada); ele se completa e se realiza em uma transformação profunda e duradoura dos corpos (e dos cérebros), isto é, em um trabalho e por um trabalho de construção prática, que impõe uma *definição diferencial* dos usos legítimos do corpo, sobretudo os sexuais, e tende a excluir do universo do pensável e do factível tudo o que caracteriza pertencer ao outro gênero [...] (BOURDIEU, 2002, s.p.)

E para complementar, afirma que:

As relações sociais de dominação e de exploração que estão instituídas dentre os gêneros se inscrevem, assim, progressivamente em duas classes de habitus diferentes, sob a forma de HEXIS corporais opostas e complementares e de princípios de visão e de divisão, que levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino. (BORDIEU, (2002, s.p.)

Não é inimaginável que depois de todo o percurso da pesquisa até aqui não se tenha compreendido que há uma diferença entre os dois sexos e que essas diferenças tendem a ser justificadas através dos órgãos sexuais dos indivíduos no campo social. Para que o sistema de dominação masculina seja aplicado. Entretanto, necessita-se abordar que, as representações dos gêneros, não é algo construído de forma agressivamente física, mas que percorre todo um conjunto de fatores projetados e aplicados através da história do homem em sociedade. Portanto, esses esquemas transformadores possuem sua complexidade dentre a sua inserção como sistema hierarquizador e divisor de classes. Em que um será considerado inferior e outro superior, não há nesta forma de mundo igualdade, e nem, tão pouco a vontade de igualar-se.

Não é apenas um pensamento, uma ideologia, todo este sistema de estruturas construídas historicamente, é uma ferramenta de dominação para frear os outros agentes de obter o poder conquistado por aqueles no centro dos espaços sociais. Barrá-los de conseguir a posição superior e produzir um novo sistema em que eles seriam os inferiorizados.

E para o referencial central da pesquisa:

[...] Só se pode chegar a uma ruptura da relação de cumplicidade que as vítimas das vítimas da dominação simbólica têm como os dominantes com uma transformação radical das condições sociais de produção das tendências que levam os dominados a adotar, sobre os dominantes e sobre si mesmos, o próprio ponto de vista dos dominantes. (BOURDIEU, (2002, s.p.)

Bourdieu sugere a questão de uma revolução, de uma mudança radical para que realmente este sistema caia e não se reproduza mais nos âmbitos do campo social e isto só dependerá, especialmente, da mulher, o agente “inferiorizado” e “subalterno” às vontades da percepção de mundo da dominação masculina. Só será possível viabilizar a transformação das estruturas através dela, unicamente dela. Por isto, é de extrema importância a luta do movimento feminista pelo enfrentamento e ruptura com este sistema dominante. Porque, se as mudanças forem apenas superficiais como ainda são não haverá realmente mudança e uma sociedade onde os dois sexos têm direitos iguais.

O seguinte item da pesquisa enfrentará a questão religiosa do tema, em que uma alternativa de crença se propaga entre as mulheres como forma de se encontrar com o antigo culto da grande mãe, crença nos tempos em que a sociedade era encontrada no estado matriarcal.

2 NEOPAGANISMO: RAÍZES MATRIFOCAIS

Nesta segunda parte da pesquisa será abordada a questão religiosa das relações de força entre os gêneros na sociedade, tendo o Neopaganismo como centro da discussão. Uma manifestação religiosa que renova o paganismo praticado na era pré-cristã. Alternativa religiosa para aqueles que estão em busca uma fuga da tradicional cultura das religiões abraâmicas³ e que posteriormente acarretará na exemplificação de um indivíduo se inserindo no mundo do Neopaganismo.

³ “Três das grandes religiões mundiais tiveram início no Oriente Médio: o *Judaísmo*, o *Cristianismo* e o *Islã*. As três são monoteístas. São também chamadas “abraâmicas”, por sua fé no Deus Único, que teria revelado ao primeiro dos patriarcas bíblicos: Abraão (c.1800). As três exercem influência na região do Mediterrâneo, mas o cristianismo e o islã se difundiram muito mais que o judaísmo. Atualmente, elas são as duas maiores religiões do mundo”. (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2000, 97-98)

Conforme Janluis Duarte (2008), o Neopaganismo é um movimento que se manifesta religiosamente, também designado como paganismo moderno ou bruxaria moderna. Teve sua expansão nos anos 60 e tem como base na natureza e é considerado um movimento politeísta e eclético. Dividem-se em diversos grupos, Xamãs, Druidas e a Wicca, que é de longe o mais forte entre eles em cativar adeptos.

Estas religiões contemporâneas estão relacionadas à reutilização, ou melhor, a releitura das religiões praticadas anteriormente ao surgimento do cristianismo. O termo “pagão” utilizado para denominá-los tem origem do latim *paganus* que significa “do campo”, ou seja, tudo aquilo que é relacionado à natureza e as divindades ligadas a ela, sendo que se envolve com a astrologia e com os movimentos terrestres, da lua e do sol.

Claudinei Prieto (2009, p.8) afirma que:

Paganismo é um termo amplo e geral dado às formas de espiritualidade panteístas, animistas, totêmicas, de bases xamanísticas e na maioria das vezes politeístas que são centradas nas forças da natureza. O Paganismo não pode ser considerado uma religião, mas sim o pilar central que engloba o modo de vida, os conceitos espirituais e filosóficos no qual todas as expressões religiosas focadas na natureza se apóiam para o desenvolvimento de seus fundamentos. Assim, poderíamos dizer que qualquer religião centrada na Terra e que não encare o Sagrado de forma transcendente e não seja monoteísta é Pagã.

Ele também argumenta que este movimento é corporificado e expandido com a entrada da década de 1960 através das sociedades secretas ocultistas que visavam cultuar o folclore local e o ocultismo de cunho romancista nos séculos XVIII e XIX. Trazendo para a superfície a valorização de seu passado pré-cristão buscando dar continuidade, ou seja, prosseguir uma cultura adormecida se tornando o Neopaganismo no século XX e XXI.

Na seção a seguir, a temática continuará sendo debatida, mas com enfoque a Wicca, uma das vertentes do Neopaganismo, que conseguiu uma maior expansão na sociedade e que por tratar de uma divindade feminina implica numa cultura controversa às hegemônicas como o Cristianismo, Judaísmo e a mulçumana.

2.1 Alternativa Religiosa

Como anteriormente dito, o Neopaganismo é uma manifestação religiosa da contemporaneidade, mais precisamente surgida no século XX, tendo como uma de suas leituras possíveis o descontentamento com os valores já estabelecidos na sociedade com ligações à cultura de vínculo abraâmico.

Janluis Duarte (2008) compreende que para formar uma oposição aos valores cristãos, é escolhida uma persona para isto. Esta persona era caracterizada no deus grego, Pã, o deus da sexualidade e da natureza, contradizendo-se à tradição judaica, que o via como a materialização do mal, o diabo, que como característica possuía os chifres e que proliferava a natureza primitiva da criação e que os fazia pecar contra seu deus. Aprofundando o culto a Pã, a tradição neopagã resolveu buscar uma representação feminina desta persona, a mãe terra, ou melhor, a grande mãe, criadora de tudo e de todos.

O grande divulgador desta teoria era Gerald Garner, o fundador da Wicca que lançou vários livros falando sobre este “ressurgimento” do culto antigo à mãe deusa. Para ele a religião teria sobrevivido ao tempo e que tinha sido passado por bruxos/bruxas durante os séculos que eram adeptos secretamente desta cultura, transferindo todos os seus conhecimentos sobre ela de geração a geração. Pessoa que na idade média, época que a igreja católica possui poder político e econômico e teológico, incitando que estas pessoas eram praticantes do mal e ligadas ao diabo, devendo ser queimadas e aniquiladas da face da terra.

Agora, ao trazer esta cultura de volta, por meio de Gerald Garner, as bruxas são vistas como sábias sacerdotisas e guardiãs dos ensinamentos da verdade estabelecida nestas antigas culturais pré-cristãs e que merecem respeito por ter sido vítimas da Santa Inquisição durante a Idade Média.

A Wicca tem se expandida através dos anos, mesmo depois da morte de Gerald Garner e para confirma esta argumentação Janluis Duarte afirma (2008, p.68):

Vale dizer que tanto o movimento *new-age* quanto o feminismo de fins dos anos 60 exercem uma considerável influência sobre a *Wicca*, e que sua expansão para além das fronteiras britânicas, bem como o advento da cultura de massas e, especialmente, sua maciça divulgação pela internet nos últimos 10 anos também a influenciaram.

Observa-se que, embora exista muito conteúdo acerca da Wicca na internet, não há um proselitismo declarado dos grupos wiccanos em busca de novos adeptos. Compreensível que exista certa reserva dos praticantes, haja vista um desconhecimento acerca da religião e uma visão no senso comum que associa a religião ao culto satânico. O preconceito atua como barreira de uma maior aceitação desta religião alternativa.

Conforme Danieli Siqueira Soares (2007, p. 23), a Wicca tem como princípio “o aprendizado dentro da religião da Deusa”, pautada pela “busca sincera pela verdade”. Como observa, os praticantes afirmam “que é um caminho de uma relação solitária entre o feiticeiro e a natureza.” Portanto, os wiccanos buscam uma conexão com a natureza, sem vínculo ao satanismo. A Wicca cultua uma divindade feminina que está relacionada à natureza e, com isto, seus adeptos possuem valores e divindades que contrastam à cultura cristã.

Com Janluis Duarte (2008, p.71-72), pode-se afirmar que:

[...] a *Wicca* possui uma única divindade abrangente e multifacetada, confundida com a própria natureza, comumente dividida em um aspecto principal, feminino, e um aspecto secundário, masculino. No entanto, de acordo com a ocasião, toma de empréstimo as figuras de divindades de diversas religiões e mitologias, que pelas suas características se prestem ao objetivo dos rituais.

Portanto, ela não se aplica a um deus, mas uma deusa, um contraponto a uma cultura impregnada pela figura patriarcal do deus abraâmico.

Entretanto, uma questão a ser debatida é o motivo da ampliação de adeptos ao Wicca, a busca pela natureza e uma divindade feminina. Claudinei Prieto (2009, p. 5), escritor e integrante da Wicca mostra que:

A Wicca é uma das poucas religiões na atualidade, se não a única, que se propõem novamente a celebrar uma divindade feminina como criadora de toda vida. Num momento onde sofremos seguidamente com as marcas que as religiões androcristãs e heteronormativas nos deixaram, é compreensível que a Wicca seja uma das religiões que mais cresce no Ocidente.

E não só ele afirma que há uma decadência da população pelas religiões que há muito tempo governa os valores e princípios da sociedade, mas outros estudantes desta religião mostram que os novos adeptos do esoterismo e do Neopaganismo tem buscado outras formas para dar sentido as suas vidas, principalmente na sociedade atual.

Rosalira Oliveira (2009, p. 2) também compõe este time, argumentando que:

Essa coisa nova parece ser a busca por respostas espirituais aos dilemas dos homens e mulheres contemporâneos. Essa busca, associada a um desencanto com as religiões tradicionais, tem levado uma parcela considerável de pessoas a procurarem, não apenas no Paganismo como também nas diferentes doutrinas orientais e no movimento da Nova Era, uma outra experiência religiosa. Sob esse aspecto, o crescimento destas formas de expressão religiosa pode ser interpretado como uma espécie de “sinalizador”, expressão de uma tentativa social mais ampla de contrabalançar as tendências majoritárias da nossa sociedade consumista e hiper-tecnológica, enfatizando valores como os vínculos comunitários, as relações interpessoais e a integração com a natureza.

Aqueles que questionam o sentido existencial diante de uma sociedade tecnológica e consumista hoje têm optado por uma vida mais natural, com uma conexão maior com a natureza. E o gênero feminino tem buscado esta interligação com o mundo religioso alternativo. A ênfase da Wicca no sagrado feminino também vem despertando as feministas, que visam experimentar um estilo de vida diferente e que buscam ser respeitadas, sem serem discriminadas por sua sexualidade, por seu corpo e nem por seus próprios pensamentos e ações, como ocorre às mulheres sob as religiões abraâmicas, que têm pouca ou quase nenhuma autonomia sobre seus corpos.

As informações em relação a este tema são enriquecidas por Claudinei Prieto (2009, p.13), que indica:

Mulheres que lutavam pelos direitos de igualdade entre os gêneros encontraram nessa religião um porto seguro para se sentirem fortes, vivas e ativas. Foi na Wicca que elas encontraram uma religião capaz de resgatar sua dignidade, tanto social quando religiosa. Da busca por uma nova religião onde mulheres não fossem excluídas surge nos EUA, através do esforço de inúmeras mulheres engajadas em causas feministas, uma Wicca com uma nova identidade mais focada na figura da Deusa. Deste movimento crescente surgiram várias Tradições desta religião, desde as ramificações onde a Deusa e o Deus possuem a mesma importância, até outras onde o Deus é menos visível e a Deusa exerce supremacia e preponderância.

Portanto, a mulher é vista de modo diferente no Neopaganismo, em geral, e na Wicca, especificamente, contrapondo-se às religiões abraâmicas. Diferenças gritantes. Na Wicca, a mulher é respeitada e considerada sagrada. Já nas outras religiões patriarcais a mulher e sua sexualidade são consideradas

pecaminosas e que, se não forem controlados pelo o homem, podem desviar a criação do tão almejado, o céu.

Na seção a seguir, será abordada a busca da mulher por este mundo incomum e secreto do paganismo, e como exemplo, será utilizada a persona do livro de Paulo Coelho, *Brida*, que foi a busca de uma vida de sentido e transformação.

2.2 Brida: Uma Amante da Grande Mãe

Percorreremos agora a trajetória ficcional de uma mulher no mundo das religiões neopagãs, buscando uma compreensão mais ampliada da temática do artigo, com a perspectiva de infiltrar-se num espaço pouco abordado na sociedade.

No livro de Paulo Coelho (2005), *Brida O' Fern*, é uma irlandesa de 21 anos que anseia por aprender magia e os poderes ocultos. Ela diz que quer aprender a magia para que se possa responder perguntas que todos possuem sobre a vida e conhecer os poderes ocultos. Isto pedido é feito ao Mago de Folk, um grande poderoso mago e que Brida, posteriormente, descobre que é sua outra parte, ou seja, sua alma gêmea, aquele que lhe dará o caminho para descobrir quem ela realmente é, uma feiticeira.

O livro traz mensagens de reflexão, e perguntas que todo ser humano possui dentro si, como por exemplo, de onde o ser humano vem, em que lugar está e para onde irá, qual o significado da vida, e sobre o amor. Sua história é repleta de desafios e dúvidas. Voltada para o posicionamento daqueles que vão à busca de respostas.

É presente no livro o contato da sexualidade feminina, do *sabbat*, dos rituais presentes neste vertente religiosa e a reflexão das atitudes e pensamentos, momentos que muitas vezes é de auxiliar o leitor a participar de um mundo totalmente diferente do que a sociedade costume presenciar. Muito se é abordado da sexualidade de Brida e o respeito pelo que a “deusa” criou como, por exemplo, o corpo feminino. O romance evidencia outros aspectos da “divindade” da mulher, como sua sexualidade, expressada na ritualística da religião descrita na narrativa: o livro mostra “que a candidata a bruxa tradicional era incentivada a realizar rituais de

cunho sexual com o namorado, e que participava de ritos em que surgia nua e embriagada”. (BOSTULIM, 2007, p. 34)

O romance *Brida*, de Paulo Coelho, publicado em 1990, teve importante papel na difusão da Wica no Brasil (BEZERRA, 2012, p. 37; OSÓRIO, 2005, p. 128). Ao narrar a história de uma jovem que busca se iniciar nos caminhos da magia, o livro evidenciou a religião. A mestra de *Brida* chama-se, sugestivamente, Wicca, nome que o romancista ajudou a popularizar.

O sucesso de *Brida* estimulou muitas pessoas, mulheres, principalmente, a se interessarem pela Wicca. Andréa Osório (2011, p. 55) narra a experiência de uma wiccana que teve seu primeiro contato com a religião por meio do romance: “Uma de suas primeiras leituras foi *Brida*, de Paulo Coelho (1990), quando se identificou com a personagem título do romance, que é uma mulher em busca de uma pessoa que lhe ensine bruxaria.” Ela conta que Adriana, 31 anos, passou a frequentar sebos e livrarias em busca de novas leituras até conhecer outros bruxos e ampliar suas experiências na Wicca.

A trajetória da wiccana não difere muito da dos personagens da ‘Nova Era’, marcada pela intensa mobilidade religiosa: oriunda de uma família em que a mãe era católica e umbandista e o pai sem religião e devoto de Santa Edwiges, Adriana deixou o catolicismo para ingressar na Igreja Messiânica e depois se filiou à Wicca. (OSÓRIO, 2011, p. 55)

Brida pode ser vista como um modelo do empoderamento da mulher em face da submissão feminina. Ela representa, juntamente com outras personagens femininas de Paulo Coelho (Esther e Athena), a “supremacia feminina”, modelo de “força, virtude e integridade”, símbolo da emancipação da mulher, conforme Anar Salunke (2011, p. 48):

Esther, *Brida* and Athena are seemingly totally different, but they represent the feminine supremacy and are models of strength, virtue and integrity, emancipating women from their self-imposed subaltern locations. In doing this they do not sacrifice their human attributes.

Brida é vista como uma representação da mulher descobrindo o seu poder interior no qual a sociedade tenta resguardar e afugentar considerando como algo errado e proibido. Uma personagem que representa a mulher contemporânea que visa ser livre, encontrando-se e buscando lugar de respeito na sociedade em que vive.

3 CONCLUSÃO

A pesquisa presente e materializada neste artigo teve como foco duas complexas e difíceis temáticas. Provavelmente algo que choca com os valores e princípios dos leitores e que também ampliará seus conhecimentos sobre a dominação masculina apresentada de uma forma sociológica e em uma alternativa religiosa de vertente feminina.

É importante, que o leitor procure realizar a leitura deste artigo de forma imparcial para observar e compreender que esta pesquisa não se aplica em uma apologia. Apenas ela lhe informa e implica em um tema pouco discutido em sociedade, mas que necessita ser discutida, pois, a sociedade atual é progressista, promovendo a liberdade, a democracia e a efetivação de direitos independente de raça, etnia, gênero, idade e classe social, e necessita rever certos conceitos em suas relações sociais.

E que em resultado, percebe-se que a sociedade é construída com base em visões de mundo diferentes e que sua estrutura é influenciada por estas percepções de mundo que procuram ser legitimadas. Nada é além de visão de mundo e a cada progresso da sociedade, o homem social procura estabelecer um conjunto de princípios e valores transpassados cognitivamente de geração a geração, sendo reproduzidas como naturais do ser humano. No entanto, elas são nada mais do que produções do próprio homem ao lançar ao mundo a sua visão dele.

O sexo feminino e masculino, sendo como dois agentes sociais que entram em conflito pela apropriação de espaços mais centrais no universo social, utilizam dos capitais econômico, social, cultural e simbólico, adquiridos ao longo da vida. Conflito que lhes dão a probabilidade de que seja possível legitimar as suas percepções de mundo. Isto só dependerá das lutas simbólicas entre eles.

E a qualquer momento pode acontecer uma revolução de toda esta estrutura, que lançará uma nova estrutura e superestrutura que serão cotidianamente lançadas a sociedade. Pois, a sociedade está em constante transformação, e tem esta possibilidade de acontecer, já houve várias civilizações

com suas formas de manifestação religiosa como os egípcios, os Maias, os gregos da antiga Grécia e como das populações de vertente a uma divindade feminina.

Conclui-se que a mulher tem despertado e está lutando por um espaço na sociedade e por direitos que sejam garantidos, para que todas tenham a possibilidade de serem independentes e respeitadas em suas próprias ações e pensamentos. E o Neopaganismo pode ser uma alternativa para a mulher moderna do século XXI. O que traz complexidade a conclusão sendo que toda esta manifestação de independência e violência simbólica está trazendo a tona uma força não antes debatida das mulheres, um poder que poderá revolucionar as estruturas da sociedade de cultura patriarcal com suas raízes abraâmicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Karina Oliveira. **A Wicca no Brasil: Adesão e permanência dos adeptos na Região Metropolitana do Recife**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2012.

BOSTULIM, Regina Célia. **Wicca**. Dissertação (Mestrado em Teologia). São Leopoldo: EST/IEPG, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. 2ª Edição. Rio de Janeiro Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Memória e Sociedade. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.

COELHO, Paulo. **Brida**. São Paulo: Isto É, 2005

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

JANLUIS, Duarte. **Os Bruxos do Século XX: Neopaganismo e Invenções de Tradições na Inglaterra do Pós-Guerras**. 2008.170 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília Instituto de Ciências Humanas. Brasília, 2008.

OSÓRIO, Andréa. Dons da bruxa e trajetórias wiccanas: narrativas sobre ser e tornar-se uma bruxa moderna. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 20, 2011, p. 51-64.

PRIETO, Claudiney. **Wicca Para Todos**. 2009. Disponível em: <http://www.wiccanaweb.com.br/pasta/livros.html>. Acesso em: 15 de mar. de 2013.

PRIETO, Claudiney. Wicca, a Religião da Deusa. Disponível em: <http://www.amadeuw.com.br/livro.php?c=15&id=709&t=Wicca%2C+a+Religi%3o+d+a+Deusa>. Acesso em 27 de ago de 2.013.

RIBEIRO, Paulo Silvino. O papel da mulher na sociedade. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/sociologia/o-papel-mulher-na-sociedade.htm>. Acesso em 23 de ago de 2013.

SOARES, Danieli Siqueira. **Rituais Contemporâneos e Neopaganismo Brasileiro: O Caso da Wicca**, 2007. 113 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia. Recife, 2007.

OSÓRIO, Andréa. Bruxas modernas na rede virtual: a Internet como espaço de sociabilidade e disputas entre praticantes de wicca no Brasil. **Sociedade e Cultura**, v. 8, n. 1, JAN./JUN., 2005, p. 127-139

SALUNKE, Anar. Paolo Coelho's mystique and extraordinary women. **Half Yearly Research Journal**. vol. I, n. IV, July. to Dec., 2011.